

## DIAGNÓTICO RURAL PARTICIPATIVO PARA GESTÃO SÓCIO-AMBIENTAL DA ARAUCÁRIA

Guilherme dos Santos Floriani<sup>1</sup>

[g\\_floriani@yahoo.com.br](mailto:g_floriani@yahoo.com.br)

Sueli Heberle Mafra<sup>2</sup>

[mshmafra@yahoo.com.br](mailto:mshmafra@yahoo.com.br)

Há uma tendência de aumento da participação das unidades produtivas da agricultura familiar no fornecimento de matérias-primas à indústria de base florestal através do reflorestamento incentivado por programas públicos como por ações de fomento do setor privado (Toresan, 2001). Entretanto, a expansão das áreas ocupadas por maciços homogêneos de essências exóticas, principalmente pinus (*Pinus taeda* e *Pinus elliottii*), reduziu parte da pressão nos remanescentes nativos, mas não responde às necessidades dos agricultores familiares. Estes povoamentos, quando comparados às florestas nativas, não oferecem a grande diversidade de produtos e serviços necessários para a realização das inúmeras atividades da agricultura familiar. O que tem mantido pressões de perturbação constantes nos remanescentes florestais nativos. A araucária (*Araucaria angustifolia* (Bert) O. Ktze.) além de símbolo de um ecossistema, pode ser tão rentável quanto o pinus, já que possui maior rendimento na serraria e seu valor de mercado são superiores, compensando seu menor incremento volumétrico anual. Há um bom potencial de utilização na silvicultura para produção de madeira, mas para este aproveitamento, é fundamental a realização de investimentos em pesquisas visando desenvolver o potencial produtivo da espécie através da pesquisa e da difusão de técnicas que potencializem-na como alternativa de renda complementar para os pequenos produtores (Guerra e Reis, 2001).

Por outro lado, a agricultura familiar tem destacada importância na conservação destes remanescentes, pela propriedade privada de áreas e pelo acurado conhecimento acerca do ecossistema, mas pouco se conhece sobre as causas de manutenção e fatores que definem as tomadas de decisão nas unidades produtivas da agricultura familiar. Para diagnosticar o estado de saber sobre a intervenção sobre a Floresta de Araucária por uma população tradicional é que se promoveram diagnósticos rurais participativos em duas comunidades do Município de Painel, Santa Catarina, que se destaca pelo baixíssimo índice de desenvolvimento humano e apresentar uma alta taxa de cobertura com Floresta Ombrófila Mixta, onde as comunidades de Casa de Pedras e Farofa representam o expoente deste contexto. Este trabalho permitiu a elaboração conjunta de ações que visam contribuir para a definição de formas de uso da floresta de araucárias coerentes com as necessidades da população local e da conservação deste importante ecossistema.

### Marco Conceitual

Os padrões de intervenção que podem ser observados são reflexo das diferentes dimensões ecológicas, econômicas, culturais e sociais que se integram para definir as práticas de intervenção na natureza. E abundam evidências do potencial de atores locais na manutenção de recursos naturais muitas vezes sob diferentes formas de manejo elaboradas a partir de conhecimentos detalhados de um ecossistema (Diegues, 1998), entretanto, é preciso conhecer como estas informações formam um processo de tomada de decisão, bem como de um processo de avaliação, individual ou coletivo, muitas vezes já construído pelo próprio agricultor ou que poderá ser desenvolvido. Este processo incorpora tanto o saber local e sua visão de mundo, como informações externas impregnadas de outras visões e que são agregadas em seu sistema de tomada de decisão que não é linear, e de

---

<sup>1</sup> Eng. Florestal, Espc. em agroecologia e desenvolvimento rural sustentável – UFSC. Consultor autônomo.

<sup>2</sup> Eng. Agrônoma, Consultora autônoma.

certo modo maleável e adaptado ao contexto (Sinclair, 1999). A partir da qual a objetividade da racionalidade científica e a subjetividade da visão e crenças do senso comum de agricultores (mas também de técnicos e pesquisadores) devem ser consideradas na avaliação da realidade dos sistemas de manejo. Mas é preciso conhecer os fatores sociais, culturais e psicológicos que levam as pessoas a apegar-se obstinadamente a formas de vida e de olhar a vida, pois sem ficar prisioneiras dos preconceitos elas imediatamente e sem custo, passariam a ter mentes sãs e entendendo os fenômenos sem mais demora (Latour, 2000), por meio de um processo que incorpora o saber local através da pesquisa-ação-participativa (Thiollent, 1986) e de co-investigação de um tema que interesse tanto aos investigadores como aos agricultores, para a qual, a estratégia passa por identificar (Gasché, 2001): quais são os mecanismos de decisão que estão sendo utilizados para intervir nos remanescentes florestais, quais são os saberes necessários para compor e manejar este processo de tomada de decisão, em quais contextos estas decisões estão sendo tomadas e quais são as lacunas que são sentidas pelos agricultores no plano de saberes e do contexto para tomada de decisão. Por outro lado foi preciso conhecer ou definir signos pelos quais transmitem-se pensamentos acerca da realidade avaliada, pois a estrutura cognitiva é construída na comunicação e introjeção de significados contidos na linguagem utilizada como um sistema de mediação que permite a troca de pensamentos e experiências, e por isto, estabelece comunicação e interação social. Desta forma torna-se importante a definição de signos que passem a representar adequadamente os objetos ou idéias que comunicam pensamentos (Vygotsky, 1993) e das formas de relação entre atores sociais e mundo natural em permanente construção e reconstrução, como as redes sócio-técnicas de Latour (2000).

O objetivo deste diagnóstico foi identificar através de técnicas participativas os problemas de comunitários para subsidiar um plano de ações futuras e foi realizado em três etapas: Sensibilização, Diagnóstico Rápido Participativo e Planejamento Estratégico Participativo. A sensibilização consistiu na realização de um levantamento expedito a partir da interpretação da realidade de um pequeno grupo de pessoas e/ou famílias através de entrevista semi-estruturada. O Diagnóstico Rápido Participativo é realizado em oficinas com dinâmicas para avaliação da realidade com base na participação, que gera confiança nas informações obtidas em função da transparência do processo e da construção de uma interface comum para a comunicação de informações de posse de agricultores(as) e técnicos(as), as oficinas foram moderadas por técnicos de extensão rural capacitados para a aplicação de ferramentas em grupos de trabalho para a elaboração de mapas e definição de territórios, percorrer locais significativos ou sistematizar fatos marcantes da história local. Não é possível a avaliação do conjunto de informações geradas no mesmo dia e uma oficina de devolução dos dados do diagnóstico é realizada junto a comunidade, para que, de posse de informações reavaliadas e transcorrido um período de reflexão seja possível o planejamento de ações futuras. Durante o encontro serão debatidas e definidas ações específicas e gerais.

Neste amplo processo indentificou-se diferentes questões relativas ao uso da floresta nativa, imersas na história da comunidade e presente nos sonhos de muitos dos participantes e serve de base para avaliação de todo o diagnóstico.

### **Antecedentes**

A história social e cultural marcaram definitivamente a Mata Atlântica na região e entender o processo de ocupação e formação da matriz social dá bases para compreender a forma de pensar a natureza pelo ator de intervenção e, a partir daí, estabelecer uma estratégia de ação efetiva no sentido de reverter as formas de interação da sociedade com a natureza local. A história da região abordada neste estudo ilustra bem os fatores que afetaram o ecossistema dominante na região, a Floresta com Araucária, que pode ser resumida em três momentos econômicos principais: primeiramente a cultura e a economia foi fundamentada na pecuária, inicialmente integrada ao caminho das tropas, que até 1920 teve na pecuária sua principal sustentação econômica e num segundo

momento, quando desperta a viabilidade da exploração econômica da Araucária iniciou um ciclo de exploração intensa que imprime a região uma definitiva vocação florestal. Atualmente, a região tem uma base de desenvolvimento mais diversificada onde destaca-se a indústria florestal a partir da expansão dos reflorestamentos de pinus (*Pinus elliottii* e *Pinus taeda*) (Munarim, 1999). Esta trajetória, como o estudo apontou, gerou uma paisagem campestre na região. No fim do século 19 a criação de muares, equinos e suínos era bastante superior a população bovina e a densidade destas populações poderiam afetar irreversivelmente a regeneração de plantas e mesmo pondo por fim o habitat de animais silvestres nativos da região. Neste processo é de grande importância os métodos utilizados para a agricultura, feitos por derrubada seguida de queimada (coivara) realizadas em áreas afastadas e por isto livre do ataque dos animais domésticos. Esta prática deu origem a ecossistemas debilitados e mais degradados nas elevações da região. Nas varzeas dos rios, a agricultura permanente, sucedida por pastagens, substituiu definitivamente, ou contribuíram para que qualquer outro tipo de vegetação que possa ter existido anteriormente, fosse substituída pelo campo. A floresta remanescente entretanto passou por diferentes ciclos econômicos. De 1970 a 1980, 6% dos moradores exploravam a erva-mate (*Ilex paraguariensis* St. Hill), explorada de forma predatória nos anos de 1980 até 1995, quando comercializou-se um milhão de toneladas em um ano. Após 1996 surgiram problemas de preço, pragas e morte de árvores. O xaxim (*Dicksonia sellowiana*) foi explorada a partir de 1970 e se estendeu até 1988 quando passou a ser limitado IBAMA. A exploração média foi de 1000 a 2000 metros lineares por hectare no primeiro corte. Hoje estima-se um estoque em 300 a 600 m lineares por hectare manejado em 1980. O ciclo da araucária iniciou nos anos 1950, teve o seu auge na década de 70 com 30 serrarias atuantes na região. E é diante desse quadro, de ciclos subsequentes que concentraram a riqueza e depauperaram os recursos naturais que se avaliam novas formas de utilização da floresta como instrumento de desenvolvimento econômico da região.

### **Discussão e Considerações Finais**

Predomina a prática da retirada das árvores de maiores dimensões (desbaste alto) para deixar lugar para as menores crescerem de forma muito intensa e repetida, culminando por manter os indivíduos que estão nos locais desfavoráveis ou piores por natureza genética. Em baixa intensidade a araucária mostra-se bastante viável neste sistema como pode ser visualizado, mas representa um alto risco para as espécies que apresentam um comportamento raro na floresta (Reitz e Klein, 1966). Entretanto, a legislação não prevê possibilidade de corte de árvores de classes diamétricas menores em regime de desbaste. A venda de árvores de valor agregado maior se justifica por gerar renda imediata, com a tendência de prejudicar o incremento volumétrico e a rentabilidade econômica, mas demonstra, neste caso, a importância da avaliação integral das diferentes dimensões sociais, econômicas e ecológicas, que mesmo que subjetivamente e com poucos dados, permitiu a identificação de táticas de manejo tradicional e formas de superação a serem adotadas conjuntamente. Também foram identificados poucos fatores que afetam a produtividade de pinhão, como a redução do número de árvores do sexo masculino e aí a limitação de sua função polinizadora, que reflete bem o conhecimento dos problemas de endogamia conhecidos na criação animal e profundamente problemático nas famílias tradicionais do local, e representam uma dificuldade muito grande para a avaliação de importância de fluxo gênico e tamanho mínimo de população para. Pinheiros de 20 anos são comprados por serrarias por valores baixos (R\$ 20,00), e as árvores podem remunerar mais com a venda do pinhão que pela madeira. Apenas um dos principais agenciadores locais de pinhão, obteve um preço médio entre o período de 2001 a 2004 de R\$ 0,75 por Kg, em 2004 foram comercializados cerca de 4130 sacas de 50Kg de pinhão a um preço médio de R\$ 1,20 demonstrando que a diminuição da oferta é compensada pelo aumento do preço, já que em 2001 foram produzidos cerca de 15000 sacas a um preço médio de R\$0,40. A atividade da colheita não exige investimento nem meios de

transporte dispendiosos traduzindo-se numa atividade acessível e ativa por segmentos historicamente marginalizados e que tornam-se atores e beneficiários diretos do trabalho. Os resultados do estudo apontam a oportunidade para a valorização da floresta a partir de um produto não madeireiro, e que por isto, preserva as características típicas da estrutura florestal, mas é preciso avançar na direção de critérios de acesso sustentável deste recurso, que materializa em si a reprodução da espécie e manutenção de grande número de espécies associadas. Os debates além de amadurecerem questões econômicas e ecológicas, possibilitaram avanços na compreensão e crítica por parte de agricultores(as) em aspectos jurídicos e consenrentes a legislação vigente, bem como da corresponsabilidade pela gestão do bem público e proposição de novos instrumentos legais, comprovando, que a partir deste tipo de enfoque, o trabalho de extensão rural contribui para o estabelecimento de novos marcos regulatórios, construídos a partir de contratos sociais coerentes com a realidade local e apontam mudanças necessárias de abrangência mais ampla que incluem crédito, valorização dos produtos ambientalmente e socialmente responsáveis e melhoria da legislação incidente.

### Referências Bibliográficas

- Diegues, A.C. O Mito da Natureza intocada. Ed. Edusp. São Paulo. 1998. 215p.
- Gasché, J. Curso de Capacitación en Investigación Participativa y Co-investigación. Notas del curso. Iquitos, Perú, 2001.
- Guerra, M. P.; Reis, M. S. Inventário dos recursos florestais da Mata Atlântica: A exploração e utilização dos recursos, seus impactos sócio-econômicos atuais potencialidades de manejo sustentável sobre Araucaria angustifolia (Bert) O. Ktze. (in: <http://www.unicamp.br/nipe/rbma/aramain.htm>). Núcleo de Pesquisas em Florestas Tropicais da Universidade Federal de Santa Catarina
- Munarin, A.; Serra Catarinense: a Busca de Identidade Regional. UNIPLAC: Revista de Divulgação Científica e Cultural. v.II, n.I, janeiro/junho 1999.
- Reitz, P.R. e Klein, R. M.: Flora Ilustrada Catarinense: ARAUCARIÁCEAS, I Parte, Fascículo ARAU. Itajaí – SC, Herbário “Barbosa Rodrigues”, 1966, 62p.
- Sinclair, F. L. and D. H. Walker . A Utilitarian Approach to the Incorporation of Local Knowledge in Agroforestry Research and Extension. Agroforestry in Sustainable Agricultural Systems. L. E. Buck, J. P. Lassoie and E. C. M. Fernandez. Boca Raton, FL., CRC Press: p.245-275, 1999.
- Thiollent, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo, Cortez Editora, 1986. 108p.
- Vygotsky, L.S. Pensamento e Linguagem. Martins Fontes, São Paulo, 1993.